

A SOCIOLOGIA FRANCESA NO SUL GLOBAL: O CASO DO CAHIERS INTERNATIONAUX DE SOCIOLOGIE (1950 – 1980)

THE FRENCH SOCIOLOGY IN GLOBAL SOUTH : THE CASE OF CAHIERS INTERNATIONAUX DE SOCIOLOGIE (1950 – 1980)

*Raphael Aristide Eudes Soares Lebigre**

Cite este artigo: LEBIGRE, Raphael Aristide Eudes Soares. A sociologia francesa no Sul Global: o caso do *Cahiers Internationaux de Sociologie* (1950-1980). **Revista Habitus:** Revista de Graduação em Ciências Sociais do IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p.28-40, 15 julho 2015. Semestral. Disponível em <www.habitus.ifcs.ufrj.br>. Acesso em: 15 julho de 2015.

Resumo: O artigo tem por objeto de investigação a circulação de artigos oriundos do Sul Global, no periódico francês: *Cahiers Internationaux de Sociologie*, adotando o recorte temporal dos anos 1950-1980. Como resultado preliminar há um número considerável de artigos produzidos nos países à margem da sociologia dominante, e especialmente na África. Isto confirmaria o projeto sociológico da França em recuperar sua hegemonia intelectual no Sul Global, com enfoque nos países em que possuía relações coloniais.

Palavras-chave: Sociologia, Sul Global, Norte-Atlântico, Colonial, Periódico

Abstract: The article has as object the circulation of articles from the Global South, in the French journal: *Cahiers Internationaux de Sociologie*, taking the time frame 1950-1980. As a preliminary result, there are a considerable number of articles produced in countries that are surfaced with the mainstream sociology, and especially in Africa. This would confirm the sociological project of France to regain its intellectual hegemony in the Global South, with focus on countries that it had colonial relations.

Keywords: Sociology, Global South, Atlantic-North, Colonial, Journal

Este artigo tem por objeto de investigação a circulação de artigos provindos dos países do Sul Global [1], no periódico: *Cahiers Internationaux de Sociologie*. O universo do trabalho envolve os periódicos de ciências sociais que surgiram entre 1950-80. No tocante ao tema, este consiste na circulação internacional das sociologias do Sul Global. A escolha do período histórico analisado foi feita devido à hipótese de João Maia. [2] Segundo o pesquisador, durante o período de 1950-80 teria circulado de maneira significativa conceitos, ideias e referências no campo transnacional das ciências sociais voltados para a reflexão ao estado de dependência intelectual, entre os países periféricos diante do Norte-Atlântico. [3]

A revista *Cahiers Internationaux de Sociologie* criada na França, em 1946, representa uma fonte empírica importante na história da sociologia global. Sendo considerado por alguns como a principal revista de ciências sociais até a década de 1960. (Marcel, 2001). De fato, o periódico constitui uma das referências centrais na disseminação de análises sobre a prática intelectual em contextos à margem da sociologia dominante (América Latina, Oceania, África e Ásia). O objetivo do presente artigo é demonstrar, portanto, a quantidade significativa de artigos do Sul Global no periódico, entre 1950-1980. Na primeira seção, antes de expor a intenção da revista francesa em viabilizar uma sociologia atenta aos países à margem da Europa e da América do Norte, faço uma sucinta introdução sobre a importância de conceber as relações históricas e sociais desiguais que repartem, até hoje, no imaginário coletivo global, o Norte desenvolvido e o Sul subalterno. Tentarei demonstrar, baseado na bibliografia de autores provindos dos países periféricos, que a heterogeneidade na posição do conhecimento da Europa junto à América do Norte perante o restante dos continentes está estreitamente vinculada às experiências imperiais de outrora, que acarretam em seus resquícios, a dicotomia de um centro desenvolvido e o da periferia marginalizada.

Deste modo, mesmo se os termos: Sul Global e Norte atlântico possuem, em parte, uma lógica geográfica, ambos os termos não se referem integralmente à posição territorial dos países no globo, mas ao caráter histórico dual de subalternidade e centralidade na geopolítica do conhecimento mundial. Assim, não se pode deixar de vincular a dicotomia geográfica de cunho colonial, em voga até os dias atuais, com a criação do periódico francês. Revista fundada na década de 1940, em período no qual a França ainda possuía a maior parte de suas colônias.

No segundo tópico, apresenta-se a criação, em 1946, do *Cahiers Internationaux de Sociologie* por Georges Gurvitch (1894-1965). Após a segunda guerra mundial, Gurvitch esteve inquieto pela necessidade da sociologia francesa retomar sua hegemonia intelectual no mundo. Por isso, o artigo tenta atualizar sucintamente o leitor na intenção do teórico em divulgar, por meio do periódico, uma sociologia francesa transnacional.

Na penúltima seção, tento demonstrar empiricamente a importante atenção ao Sul global pelo periódico francês, através da quantidade significativa de artigos produzidos em instituições dos países periféricos comparadas com as do Norte Atlântico, presentes nos volumes da revista, entre 1950-1980. Para tanto, primeiramente é analisado a quantidade de artigos escritos em oito espaços geográficos: África, América Latina, América do Norte, Ásia, Europa, França e Oceania. Embora a URSS não componha os países do Sul Global e nem os do Norte Atlântico, é demonstrado somente de início o peso quantitativo que o bloco possui comparado com outros locais geográficos periféricos. [4]

Na intenção de filtrar o número consistente de artigos na revista, analiso de início a porcentagem de publicações da Europa e América do Norte, e dos continentes que compõem o Sul Global, além da URSS. Posteriormente, me utilizo do mesmo procedimento para comparar o total de artigos escritos na França com o restante dos países. Em outro gráfico, faço o mesmo procedimento para comparar a íntegra das publicações da América do Norte com a dos

continentes periféricos. Ainda, no intuito de filtrar os textos do Sul global, realizo uma análise quantitativa hierárquica sobre o total de artigos em cada continente periférico.

Ademais, utilizo o mesmo tipo de gráfico para demonstrar a possível atenção da metrópole francesa com as publicações sociológicas de países periféricos, envolvendo o tema da subordinação e do desenvolvimento. [5] Para isto, são selecionadas três palavras-chave presentes em títulos de artigos: colonial, dependência e desenvolvimento. Em complemento, cito artigos cujos títulos remetem às mesmas palavras junto ao termo: sociologia. As mesmas mencionam o desenvolvimento de tradições sociológicas atentas ao fenômeno do colonialismo e às amarras de dependência que o último acarreta. Na última seção, aponto a posição privilegiada que a França possui na geopolítica do conhecimento sociológico, através de suas instituições de pesquisa nas suas (ex) colônias e em especial na África.

1. O Norte Atlântico e o Sul Global

A problematização do estatuto eurocêntrico nas ciências sociais não é atual. Já no século XIX e início do XX, autores de países colonizados, no exemplo do iraniano Al-Afghani (MISHRA, 2012) e do uruguaio Carlos Mariátegui (2007), refletiam sobre a necessidade de compor uma teoria social em coerência com o contexto local em que viviam.

Desde a década de 1950, época marcada pelas independências na Ásia e principalmente na África, intelectuais oriundos de países periféricos vinculam a crítica política ao colonialismo na importância de readequar epistemologicamente os conhecimentos sociológicos estrangeiros, com os locais. Este é o caso, por exemplo, do malaio Syed Hussein Alatas (1972), do egípcio Anouar Abdel Malek (1963) e do martiniquês Frantz Fanon (1961), engajado este na independência argelina. Pode-se dizer que no contexto de países latino-americanos, e em particular no Brasil, o debate crítico sobre a dependência intelectual perante as teorias hegemônicas estrangeiras surge aproximadamente na mesma época, com Guerreiro Ramos (1954), Caio Prado Jr (1966), e entre outros.

Desde 2007, a socióloga australiana Raewyn Connel (2007) busca trilhar a análise sobre o modo de produção do conhecimento desigual, no âmbito das ciências sociais, entre o Norte Atlântico e o Sul Global. Precisamente, a autora demonstra que os dois contextos geográficos estão diferentemente estruturados na produção do saber. Isto significa que as desigualdades globais constituíram as metrópoles [4] enquanto berço da teoria científica, e por sua vez, as periferias, no passado colônias, servem de base empírica ou data, a partir das quais o conhecimento do centro se aplica. [5]

Ora, segundo a socióloga, o contato colonial presente parcialmente nas produções intelectuais dos países periféricos é ignorado ainda hoje na ampla parte da teoria sociológica do Norte-atlântico. De fato, a pesquisadora demonstra que sociólogos centrais como Bourdieu, Giddens e Coleman além de não reconhecerem a dominação intelectual, ainda recente sobre a periferia do mundo, também concebem padrões universais calcados em agentes oriundos de uma modernidade específica dos países centrais. (2007)

Deste modo, na concepção da autora australiana, a postura intelectual por parte dos sociólogos do Norte oculta as novas formas de dominação atuais, como a instalação de novos laços de dependência; e os desafios para suplantar essa falta de autonomia intelectual. (2011:11)

Em paralelo à Connell (2007, 2011), sociólogos como o português Boaventura Santos (2007), o malaio Farid Alatas (2006) (filho de Hussein Alatas) e o venezuelano Edgardo Lander (2005) criticam os tipos de narrativas que marcam as ciências sociais, ainda dependentes de uma visão da modernidade do Norte Atlântico. Isto implica igualmente, por parte dos autores, uma crítica sobre o repertório conceitual eurocêntrico, ainda hoje fonte central da análise sociológica mundial. Como alternativa, os intelectuais defendem o tecer de uma disciplina sociológica polifônica e descentralizada, composta simultaneamente por conceitos e experiências da Europa e da América do Norte e dos continentes periféricos.

Todavia, a necessidade de se utilizar da reflexão sobre a polarização no mundo, entre o Norte Atlântico na vanguarda do conhecimento e o Sul Global, cujas raízes remontam às desigualdades históricas de poder na geopolítica do conhecimento, nos permite possuir uma demarcação analítica do periódico francês, que leve em conta o contexto de situação colonial na qual a França estava inserida.

2. A criação do *Cahiers Internationaux de Sociologie*

Após a experiência de ocupação alemã na França, durante a segunda guerra mundial, as ciências sociais francesas necessitaram estudar uma nova realidade nacional em reconstrução. Desde a perda, em 1942, do único periódico francês ainda em circulação: *Annales de sociologie* uma geração de sociólogos retomam a tradição científica local de caráter multidisciplinar e internacional. (BALANDIER, 1996)

Com efeito, em 1946, Georges Gurvitch (1894-1965) membro do CNRS (*Centre National de Recherche Scientifique*) colabora com Y. Halbwachs na criação do *Centre d'Études Sociologiques*. O centro era um núcleo de estudos sobre a nova realidade social francesa. Nele, a maior parte do comitê de direção colaborou nos *Annales de Sociologie*, nome concedido à antiga revista *Année Sociologique* criada por Emile Durkheim em 1898, que perdurou até 1942. O conselho é composto por Gabriel Le Bras na investigação dos estudos religiosos, Henry Lévy Bruhl nas práticas jurídicas e Gurvitch no âmbito dos conflitos de grupos e gerações. (1996:7-8). Os membros do comitê de direção formariam o corpo de colaboradores do periódico inaugurado por Gurvitch, no outono de 1946. (1996)

A nova geração de sociólogos franceses que se constitui em torno do *Centre d'Études Sociologiques* tem como meio de expressão o *Cahiers Internationaux de Sociologie*, principal revista de sociologia global da época até 1960 (MARCEL, 2001:100).

Georges Gurvitch, em 1946, na *Radio France*, apresenta as principais intenções do periódico francês. A revista deveria combater o déficit de contato com o pensamento sociológico estrangeiro, estando aberta aos sociólogos de todas as nacionalidades e tendências para um confronto, diálogo e síntese teórica. Neste contato, não somente se propagariam teorias

estrangeiras para os franceses, mas igualmente no sentido inverso. Apesar de o periódico ser exclusivamente em língua francesa, Georges Gurvitch se opôs ao confronto de sociologias nacionais. Notadamente o periódico prezaria pelo diálogo entre uma sociologia estadunidense, supostamente mais empírica e uma sociologia francesa com ênfase na teoria. Em segundo, a divulgação de artigos deveria fornecer os instrumentos de formação e pesquisa aos jovens sociólogos e favorecer o estudo da “sociedade presente”. Isto significa que os instrumentos científicos não deveriam contribuir ao confinamento técnico num domínio sociológico exclusivo, mas no oposto, manter relações com as ciências sociais particulares de cada lugar. (BALANDIER, 1996:10)

Entretanto, com o falecimento precoce de Gurvitch em 1965, Georges Balandier reconhece ao assumir a direção do periódico, um ano depois, o retardo significativo de relações firmes entre o *Cahiers Internationaux de Sociologie* e os países não ocidentais. [6]

[7] “foi dito que os Cahiers desejavam favorecer a comunicação entre sociologias nacionais. Isso foi feito com as sociologias da América do Norte (...) quanto às sociologias não ocidentais, elas fazem uma entrada discreta na medida de sua tomada ou retomada de vigor” (BALANDIER, 1996, p.12)

Apesar de não haver pesquisa conhecida sobre o tema, não se pode negar a tentativa do periódico de retomar a hegemonia sociológica francesa no período pós-guerra. [8] Em função da posição da França na geopolítica do conhecimento sociológico, esse empreendimento implicou reconhecer a produção colonial dos cientistas sociais de língua francesa nos países periféricos e o inverso. [9]

3. Configuração empírica do *Cahiers Internationaux de Sociologie* - A circulação dos artigos provenientes do Sul Global

Como expus anteriormente, na concepção de Balandier e Gurvitch o periódico *Cahiers Internationaux de Sociologie* seria o instrumento pelo qual se materializaria uma nova sociologia francesa atenta, em parte, aos problemas dos países não somente da Europa e da América do Norte. (BALANDIER, 1996)

Para tentar confirmar a intenção da revista francesa em fornecer um espaço aos artigos dos continentes periféricos, proponho uma análise quantitativa dos textos publicados. Na intenção de facilitar os resultados preliminares, o quadro [I] esclarece o número de publicações dos quatro continentes do Sul Global, ao lado da Europa, França, América do norte e do Bloco soviético. O período de 1950-80 está recortado em seis colunas: 1950-55, 1955-60, 1960-65, 1965-70, 1970-75, 1975-80. No intuito dos resultados presentes no quadro ficarem mais objetivos e legíveis, procura-se com quatro gráficos, dois do tipo pizza e os últimos da espécie colunas expor que malgrado a preponderância de artigos europeus e, em particular, franceses, há a atenção significativa do periódico aos países do Sul Global.

O primeiro gráfico, do tipo pizza, será utilizado devido à necessidade de se fazer uma análise em porcentagem da quantidade extensiva de quinhentos e vinte e seis artigos existentes

na revista francesa. Por sua vez, a segunda imagem de tipo coluna possui a função de analisar quantitativamente um número reduzido de produções científicas. É preciso frisar que o Bloco Soviético não pertencendo ao Sul Global e tampouco ao Norte, devido à sua posição híbrida de hegemonia e subalternidade, não foi incluído no restante das tabulações [III], [IV] e [V].

No gráfico [I], percebe-se que embora a superioridade numérica dos artigos europeus não seja surpreendente, há uma discrepância profunda com os demais lugares. No total de quinhentos e vinte seis artigos, trezentos e noventa e seis são franceses, sendo este número, em porcentagem, como aponta o gráfico [II] equivalente a 70% da totalidade de artigos produzidos. Levando-se em conta somente a totalidade das publicações do Sul Global e da América do Norte, os gráficos [I] e [III] denotam uma discrepância significativa. De fato, na revista circulam 10% de artigos dos países periféricos e 6 % da América do Norte e 84% do restante de países.

Para filtrar a prioridade de interesses do periódico nos continentes periféricos, foi feita uma escala hierárquica decrescente da totalidade de artigos produzidos em cada um deles. Deste modo, o gráfico [IV] expressa o desenvolvimento de fluxos sociológicos dos países periféricos com a França. Isto se faz primeiro entre a França e a África, com vinte e três artigos. Em segundo lugar, a América Latina possui treze publicações. Na terceira posição, a Ásia toma espaço com doze artigos. Por fim, a Oceania situa-se em última, somente com uma publicação.

4. Os temas do colonialismo, da dependência e do desenvolvimento

Na seção anterior, mostrou-se a atenção da França aos artigos do Sul Global. O espaço promovido na revista francesa com a África sugere historicamente o nexos com a situação colonial vigente entre 1950-1980. Assim, para tentar aprofundar as análises quantitativas feitas anteriormente, e em particular ao caso dos continentes periféricos, optou-se pelo gráfico [V] atento aos artigos com títulos compostos pelas palavras-chave: colonial, dependência e desenvolvimento. Os três conceitos designados remetem ao estado de dominação política e consequentemente, intelectual dos países periféricos com o Norte Atlântico. Portanto, a França, os continentes centrais e os do Sul Global foram incluídos para tentar observar se realmente há algum vínculo entre os três conceitos-chave escolhidos e a relação de dominação, das metrópoles com suas (ex) colônias.

Com isto, no gráfico [V] constata-se que o tema colonização circula com oito artigos produzidos na França e dois no continente africano. Ademais, a reflexão sobre a dependência está presente somente na metrópole europeia com uma publicação e duas na África. A última palavra designada: desenvolvimento está presente com quatro artigos na França, dois no restante da Europa e um na América do Norte, América Latina e África. A presença de artigos somente na França e no continente africano, cujos títulos mencionam a situação colonial e a dependência, sugere a atenção especial da metrópole francesa com o continente negro.

Em complemento, para que o leitor possa ter um contato mais substancial com os artigos presentes no *Cahiers Internationaux de Sociologie*, serão citados exemplos de artigos cujos títulos remetem às mesmas palavras-chave mencionadas, junto à palavra sociologia. Os termos sugerem os problemas do desenvolvimento e de subordinação das tradições sociológicas

que estavam surgindo no período 1950-80. No continente africano, o sociólogo Jean Duvignaud reflete sobre o fenômeno da colonização, em sua produção escrita “A prática da sociologia nos países descolonizados” (1963) [10]. Na metrópole francesa, Balandier se faz presente com seus dois artigos “A Sociologia da colonização e relações entre sociedades globais” (1954) [11] e “Contribuição a uma Sociologia da dependência” (1952) [12]. No tema do desenvolvimento, na América Latina, foi selecionado o artigo intitulado “A sociologia do desenvolvimento e o pensamento” de G.Gurvitch (1971) da autoria de Maria Isaura de Queiroz, vinculada à USP. [13]; na América do Norte, há o artigo de André G.Frank “Sociologia do desenvolvimento e subdesenvolvimento da sociologia”. (1967) [14]. Na Àsia, Kazuta Kurauti se sobressai com seu artigo “O advento da sociologia moderna no Japão” (1974).[15]

Deste modo, os dados quantitativos parciais do periódico sugerem a atenção da França com os países do Sul Global, e principalmente com a África. A existência de publicações cujos títulos mencionam a situação colonial e a dependência, presentes na França e no continente africano, reforça a reflexão sobre a situação de dominação sociopolítica da metrópole europeia com suas (ex) colônias.

5. O papel das instituições ultramarinas francesas

Na mensuração quantitativa de artigos situados no periódico francês, mostrou-se o número significativo de artigos originados do Sul Global, com ênfase principalmente na África. Diferentemente dos demais continentes periféricos, os dados empíricos sustentam a atenção particular, na geopolítica do conhecimento, da metrópole francesa com suas (ex) colônias. Entretanto, é preciso enfatizar a situação geopolítica de dominação intelectual entre a França e o continente negro. Além das universidades instaladas no continente periférico, na época da administração francesa, tendo como exemplo notório a Universidade de Tunis, na Tunísia, fundada em 1945 e a de Argel, em Argélia, implantada desde 1909, os centros de pesquisa franceses eram responsáveis pelo recolhimento de dados sociais das colônias, por meio de pesquisadores majoritariamente de nacionalidade francesa.

Assim, a possível causa para nos demais lugares colonizados não haver uma reflexão sobre o colonialismo seja a ausência de tais instituições de pesquisa metropolitanas. Com efeito, segundo os arquivos históricos do *Institut de Recherche pour le développement*, antigo *Office de recherche d'outre mer*, no restante dos espaços colonizados, como na Ásia, não havia ainda centros de pesquisa metropolitanos ultramarinos. De fato, estes foram criados no continente somente em 1976, época em que a França não possuía mais colônias asiáticas. O exemplo marcante de tais organizações científicas estaria no *Institut français d'Afrique noire de Dakar*, em Senegal, pertencente ao *Office de recherche coloniale*, no qual Georges Balandier inclusive esteve vinculado. (1977:39)

Conquanto, a superioridade numérica de publicações científicas provenientes do Sul global perante a América do Norte sugere, empiricamente, a intenção do projeto sociológico francês em retomar a sua hegemonia intelectual na geopolítica do conhecimento sociológico e, em particular, com suas (ex) colônias. Mesmo assim, os resultados recolhidos não alteram a

intenção do *Cahiers Internationaux de Sociologie* em desenvolver, no período entre 1950-80, uma sociologia transnacional atenta aos artigos originários do Sul Global.

Considerações finais

Os resultados preliminares da pesquisa confirmam a intenção do periódico: *Cahiers Internationaux de Sociologie* em divulgar artigos provindos do Sul Global, no período de 1950-1980. Ao comparar a totalidade dos artigos dos países periféricos com a América do Norte, percebe-se um número significativamente maior de publicações originados do Sul Global. Circula-se em escala decrescente, um número superior de artigos no continente africano, seguido da América Latina, Ásia e Oceania. A quantidade de artigos com títulos voltados para o tema da colonização e da dependência, presentes nas publicações originadas de instituições francesas e africanas, reforça a atenção peculiar do país europeu com o continente periférico. Diferentemente da Ásia que veio a ter somente sua primeira instituição de pesquisa francesa em 1972, a presença especial de centros de pesquisa ultramarinos franceses no continente africano teria permitido o recolhimento de dados empíricos locais destinados à metrópole europeia. Ademais, por meio das instituições fixadas em solo estrangeiro, a França se possibilitava da produção de artigos sociológicos atentos à África. Por fim, os resultados empíricos, como um todo, propõem o projeto sociológico da França em recuperar sua hegemonia intelectual no Sul Global e em particular, no continente africano. 🌐

QUADRO I

Continentes e Datas	1950-55	1955-60	1960-65	1965-70	1970-75	1975-80	Total
África	3	5	3	6	5	1	23
América Latina	1	1	3	3	2	3	13
Ásia	0	2	0	4	2	4	12
Oceania	0	1	0	0	0	0	1
Bloco Soviético	1	3	3	7	3	0	17
Restante	1	6	7	1	1	1	18

da Europa	0			3	0	0	6
França	7	7	5	6	4	6	3
	5	2	7	0	2	1	67
América do Norte	3	2	6	7	6	1	3
						3	7
Total	9	9	7	1	7	9	5
	3	2	9	00	0	2	26

GRÁFICO I

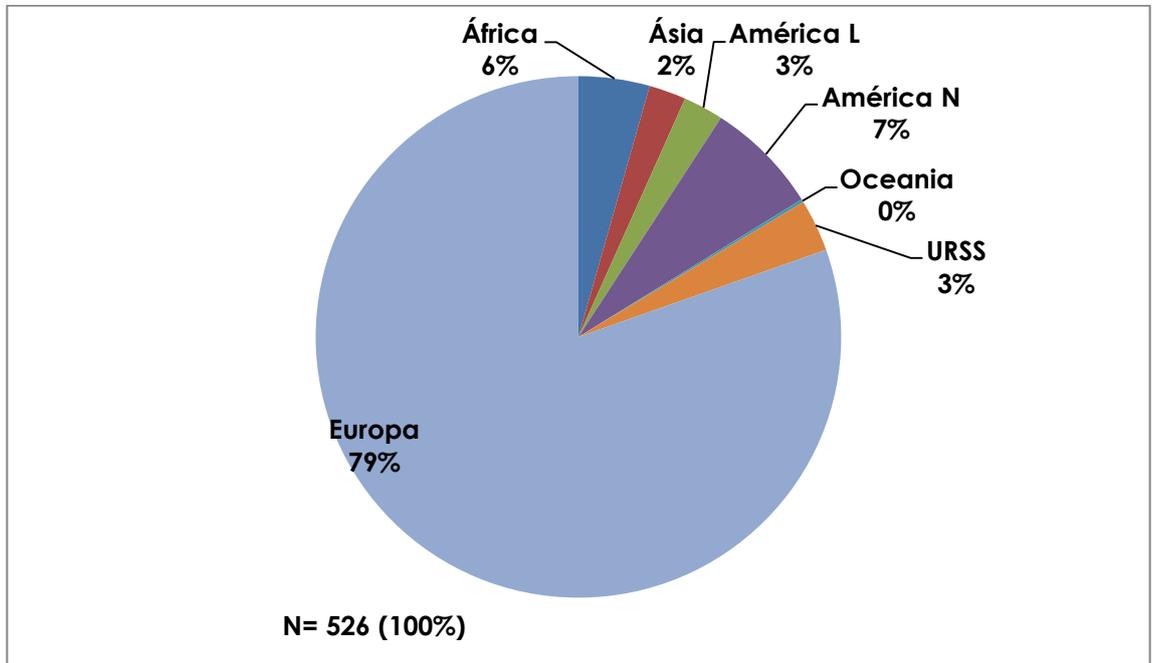


GRÁFICO II

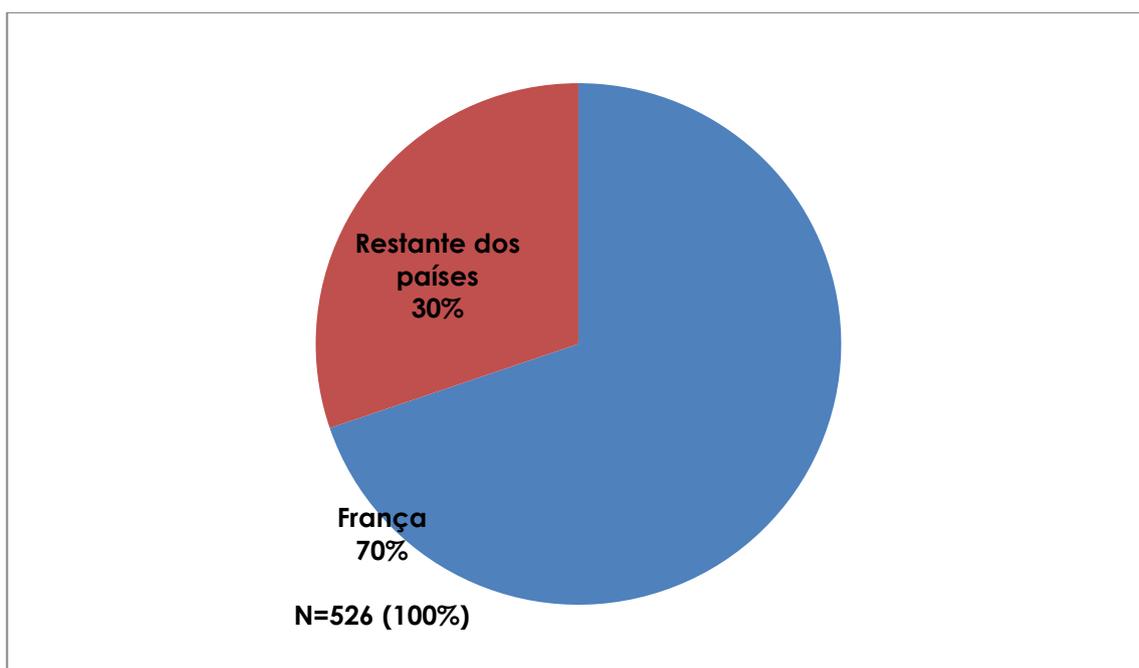


GRÁFICO III

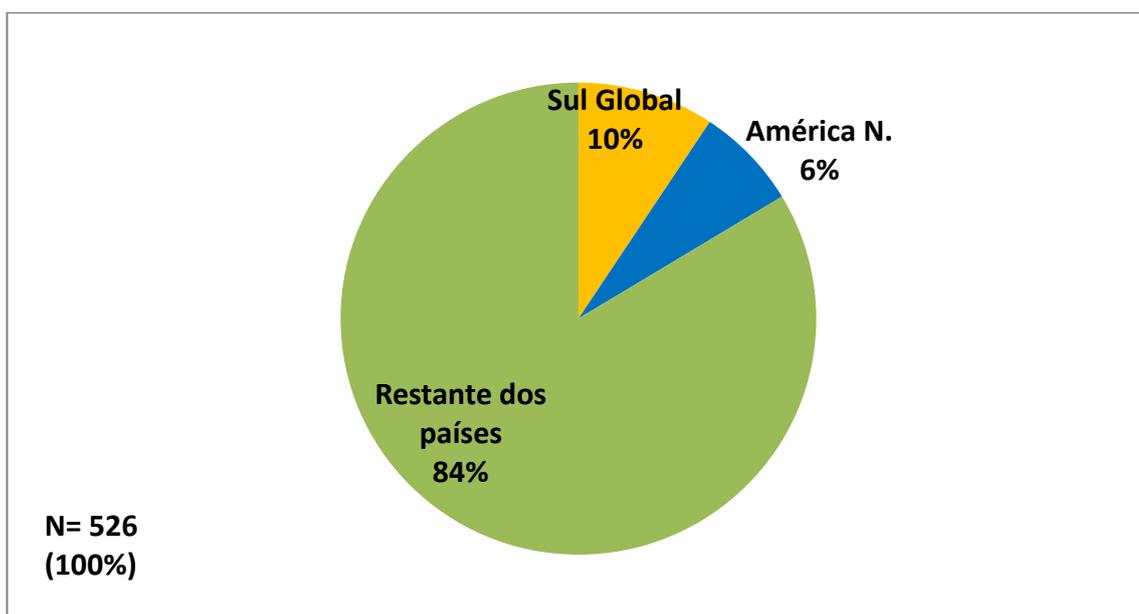


GRÁFICO IV

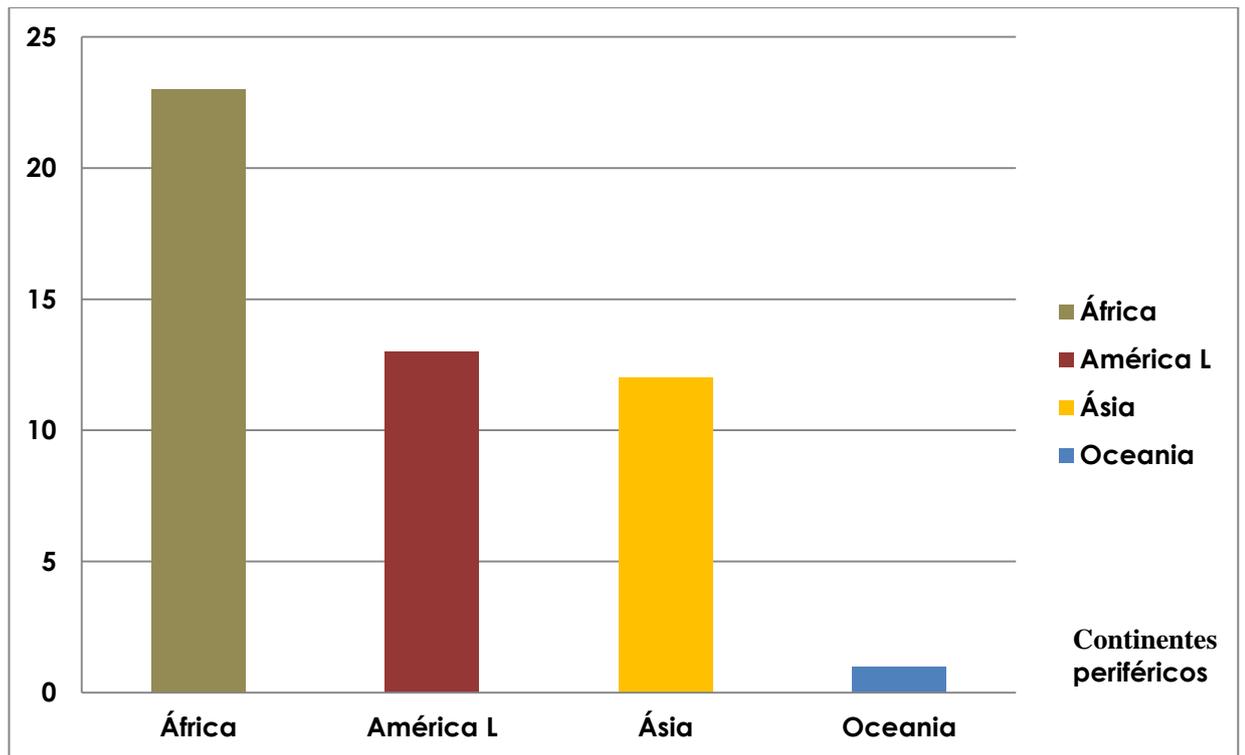
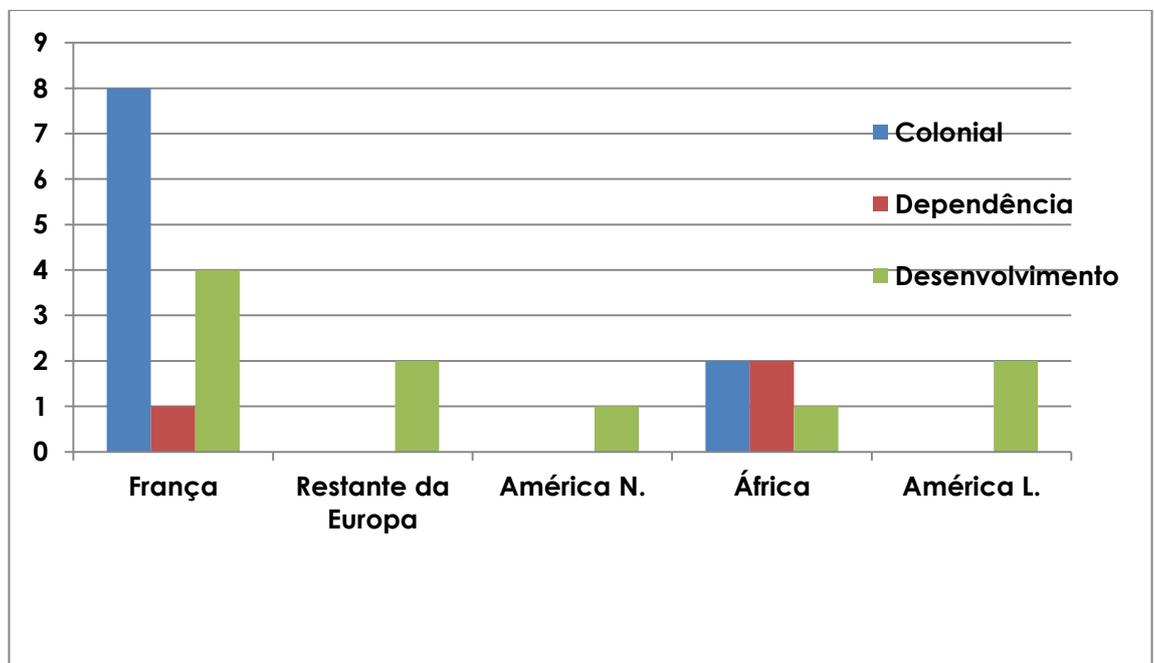


GRÁFICO V



NOTAS

*Raphael Lebigre é mestrando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da UFRJ. À época que submeteu seu artigo, Raphael Lebigre estava na graduação.

[1] O termo Sul Global faz referência aos países periféricos no patamar de um mundo globalizado, posterior, portanto, ao recorte analítico adotado 1950-80.

[2] Este artigo segue um projeto maior dedicado à investigação da sociologia em países do Sul Global, iniciado em 2013 por João Maia e Cláudio Pinheiro (CPDOC/FGV): “Repertórios periféricos: léxicos, teorias e linguagens da periferia”.

[3] Em referência ao termo metrópole que remete ao centro, o conceito de “periferia” é incorporado dos estudos produzidos na CEPAL, principalmente por Raul Prebisch e Celso Furtado. A palavra significa os locais historicamente subalternos na geopolítica global do conhecimento e da riqueza. No entanto, o termo não estende sua definição à homogeneidade social das regiões inclusas. (MAIA, 2011:72)

[4] A escolha em isolar o Bloco Soviético, nas sucessivas tabulações dos demais países, se deu devido à sua posição ambígua de hegemonia e ao mesmo tempo subalternidade na geopolítica global.

[5] O termo “metrópole” aqui utilizado foi adotado da socióloga Raewyn Connell. O conceito provém do inglês *imperial center* que significa a vanguarda composta pela Europa e os Estados Unidos na hegemonia material, intelectual e científica. (2011:17)

[6] Balandier, tendo escrito o artigo em 1996 não se utiliza mais do conceito de terceiro mundo, utilizado pelo mesmo e criado por Alfred Sauvy, em voga de 1950 até 1980. (BERGER, 2004)

[7] « Il a été dit que les Cahiers souhaitaient favoriser la communication entre sociologies nationales. Ce fut fait avec les sociologies de l'Amérique du Nord » (...) quant aux sociologies non occidentales, elles font une entrée discrète à mesure de leur prise ou reprise de vigueur »”. (tradução minha)

[8] Na penúltima seção do artigo, a quantidade significativa de artigos providos do Sul sugere o projeto francês em recuperar sua hegemonia intelectual nas ciências sociais.

[9] O “retardo das relações” citado por Balandier não impede, entretanto, a superioridade numérica de artigos do sul em comparação com a América do Norte durante 1950-80.

[10] La pratique de la sociologie dans les pays décolonisés. (tradução minha)

[11] Sociologie de la colonisation et relations entre sociétés globales. (tradução minha)

[12] Contribution à une sociologie de la dépendance. (tradução minha)

[13] La sociologie du développement et la pensée de G.Gurvitch. (tradução minha)

[14] Sociologie du développement et sous développement de la sociologie. (tradução minha)

[15] L'avènement de la sociologie moderne au Japon”.(tradução minha)

REFERÊNCIAS

ALATAS, S. Farid. (2006). **Alternative discourses in Asian social science: Responses to Eurocentrism**. New Delhi, Sage, 2006.

ALATAS, S. Hussein. (1972). **The captive mind in development studies. Some neglected problems and the need for an autonomous social science tradition in Asia**. International Social Sciences Journal. Vol. XXIV, n.1.

BALANDIER, George. (1952). **Contribution à une sociologie de la dépendance**. In **Cahiers Internationaux de Sociologie**. Vol. XII.

_____.(1954). **Sociologie de la colonisation et relations entre sociétés globales**. In Cahiers Internationaux de Sociologie. Vol. XII.

_____.(1977).**Histoire d'Autres** . Paris, Stock.

_____.(1996). **Sur un cinquantenaire** . In Cahiers Internationaux de sociologie.Vol XXXVIII, pp.5-15.

BERGER, Mark. (2004). **After the Third World? History, destiny and the fate of Third Worldism**. In *Third World Quarterly*. Vol 25, n.1, pp. 9-39.

CONNELL, Raewyn. (2007). **Southern Theory: the global dynamic of knowledge in social science**. Cambridge, Polity Press.

_____. (2011). **A iminente revolução na teoria social**. Conferência realizada na ANPOCS, 2011. Trad João Maia. In *Revista brasileira de Ciências Sociais*. Vol XXVII, n.80, pp.9-20 .

DUVIGNAUD, Jean. (1963). **La pratique de la sociologie dans les pays décolonisés**. In *Cahiers Internationaux de Sociologie*. Vol XXXIV.

FANON, Frantz. (1961). **Les damnés de la terre**. éd. La Découverte poche, Paris

FRANK, G. André. (1967). **Sociologie du développement et sous développement de la sociologie**. *Cahiers Internationaux de Sociologie*. Vol XLII.

KURAUTI, Kazuta. (1974). **L'avènement de la sociologie moderne au Japon**. In *Cahiers Internationaux de Sociologie*. Vol LVII.

LANDER, Edgardo. (2005). **La colonialidad del saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino- americanas**. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina.

MAIA, João M. E. (2011). **Ao Sul da teoria: a atualidade teórica do pensamento social brasileiro**. In *Revista Sociedade e Estado*. Vol XXVI, n.2.

MALEK, Anouar A. (1963). **Orientalism in Crisis**. In *Diogenes*, vol. 11, n.44: pp103-140.

MARCEL, Jean C. (2001). **Georges Gurvitch: les raisons d'un succès**. In *Cahiers Internationaux de sociologie*. Vol CX.

MARIATEGUI, C. (2007). **Siete Ensayos de Interpretación de la Realidad Peruana**. Ed. Fundación Biblioteca Ayacucho.

MISHRA, P. (2012). **Strange Odyssey of Jamal al-Din al-Afghani. From the Ruins of Empire: The Intellectuals Who Remade Asia**. New York: Farrar, Straus and Giroux.

PRADO, Caio. (1966). **A Revolução Brasileira**. São Paulo, Brasiliense.

QUEIROZ, Maria I. P. (1971). **La sociologie du développement et la pensée de G.Gurvitch**. In *Cahiers Internationaux de Sociologie*. Vol LI.

RAMOS, Guerreiro. (1954). **Notas para um estudo crítico da sociologia no Brasil**. In *Separata da Revista Serviço Social*. Ano XIV, n. 72

SANTOS, Boaventura.(2007). **Os desafios das ciências sociais hoje**. In *Pensar el Estado y la sociedad : desafios actuales*. La Paz, CLACSO, Muela del diablo Editores y Comuna.

<http://www.archivesnationales.culture.gouv.fr/anom/fr/Presentation/Empires-coloniaux-francais-10.html>

Recebido em 26/03/2014

Aceito em 04/06/2015